

«A pintura e a escrita» é o título escolhido para esta exposição de pintura de Figueiredo Sobral, no MAC - Movimento Arte Contemporânea, cumprindo um seu velho sonho de aliar a poesia e os seus escritores de cabeceira à sua arte pictórica e escultórica.

Deste modo, nestes 37 quadros povoam ecos de Eça de Queirós, em figuras representativas de uma sociedade de final do século XIX, onde a paixão, o vício e a ociosidade se entrelaçam em obras como *A Relíquia*, *O Crime do Padre Amaro* e *Os Maias*, cujo peso é bem sentido por aqueles que se intitularam a si próprios «Os Vencidos da Vida».

Mas ainda dessa época, o pintor é fascinado por Camilo, na ironia da *Queda dum Anjo* e, por essa personagem de Calisto Elói, o político provinciano, que vai deixando cair as suas asas brancas à medida da sua ascensão, tal como diria Almeida Garrett no belo poema, com o mesmo nome, que é aqui pintado a espátula e a escárnio.

É igualmente tocado pelo lado romântico de Camilo, em *Amor de Perdição*, nesse trio trágico-amoroso de Simão-Teresa-Mariana ou pela poesia de *Flores sem Fruto* de Garrett ou dos *Sonetos* de Bocage.

Mas é Antero de Quental, o seu companheiro das noites insones, atormentado entre a fé e a descrença num Deus que sonhou e que é corporizado em quadros como «Ignoto Deo», «Na Mão de Deus», «O Crucificado» e «Mater Dolorosa» ou nesse poema contundente e desesperado de Alberto Lacerda, «Deus é uma blasfémia», que o pintor intitula «Carregando a terrível pedra de Sísifo .... Ehh, humanidade!».

No sentido crítico, mesmo no âmbito do sagrado, estão as suas preocupações sociais que são desmistificadas através da ironia, plasmada em tinta e pincel e ilustrada com poemas de Alexandre O'Neill ou de Manuel Bandeira. Num libelo contra a guerra erguem-se as vozes do poeta medieval João Zorro, ou de Fiama Hasse Pais Brandão.

O seu próprio lirismo de pintor-poeta é assumido em poemas como «A morte de Manolete» e «Histórias com gritos de sevilhanas», encarnando a História Ibérica e ecos de Guernica. Portugal e os seus mitos, D.Sebastião e Marquês de Pombal, ressurgem nas suas telas e na voz de Camões ou na sagueta histórica de Latino Coelho.

A dimensão filosófica de Umberto Eco ou de João Rui de Sousa é captada na subtileza do relevo e da subversão da forma e da cor.

Erguem-se, num cântico de amor, D. Quixote e Dulcineia, celebrando o sonho e a aventura dos eternos amantes. A beleza da mulher e a sua nudez visualizam-se na beleza cristalina da poesia de Camilo Pessanha ou de Adalberto Alves. Natália Correia e Florbela Espanca sugerem o mistério do amor, corporizado pelo pintor na sua forma surrealizante e barroca de se exprimir.

E, finalmente, numa homenagem à mulher palestina e ao seu povo, Figueiredo Sobral dá vida ao poema de Mahmoud Darwish, (poeta palestino): «Juro! / Que hei-de fazer um lenço de pestanas/ onde gravarei poemas aos teus olhos».

É esta a mostra que o Mestre nos tem para oferecer, numa fase difícil da sua vida, em que cada vez mais interioriza a sua visão do mundo, isolando-se para se encontrar a sós com a sua arte, num diálogo que só ele entende, como dádiva miraculosa e perene que os deuses lhe ofertaram.

Elsa Rodrigues dos Santos, Lisboa, 9 de Março de 2005